

NÃO HÁ CURA PARA QUEM NÃO ESTÁ DOENTE!

O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS
É CONDIÇÃO FUNDAMENTAL PARA
UMA VERDADEIRA DEMOCRACIA

Não existe cura para a homossexualidade pelo simples fato dela não se constituir como um distúrbio.

A diversidade das orientações sexuais revela possibilidades, manifestações da existência humana e não transtornos e doenças que necessitem de cura.



Na sociedade existe uma grande inquietação em torno das relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo biológico e sobre os modos de expressão de pessoas que não se adequam (em seu jeito de ser e se vestir) às exigências sociais de gênero determinadas para seu sexo. Geralmente, o que observamos são dificuldades de aceitação, estigmatização destes modos de vivência da sexualidade e da identidade, vistos como vergonhosos, anormais, antinaturais, pecaminosos e até patológicos. Diante disto, diversos modos de violência são perpetrados sobre a população que não segue a normativa da heterossexualidade. Estas violências vão desde o simples "olhar torto", as piadinhas e diversos outros modos de humilhações, segregação, exclusão, até violências físicas e assassinatos cruelmente praticados.

Essas inquietações podem ser atenuadas quando o contexto em que vivemos apresenta políticas de sensibilização da população à diversidade nos âmbitos da cultura, da saúde, da educação e da segurança pública. Infelizmente não é este o cenário que encontramos em diversos interiores do Brasil, com uma cultura conservadora, tradicionalista e rigidamente heteronormativa.

Para as/os psicólogas/os, em sua prática profissional, a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida a partir das diferenças, não podendo assim a homossexualidade ser entendida como doença, distúrbio e ou perversão.

Este é o modo como se posiciona o Conselho Federal de Psicologia, através da Resolução CFP 01/99, que determina que psicólogas/os não devem exercer qualquer ação que favoreça a compreensão das homossexualidades como doença e nem propor tratamentos de "mudança de orientação sexual", visto que entendemos não se tratar de uma patologia, portanto, não ser passível de cura. Sabemos que todos os esforços já empreendidos com a tentativa de "cura" de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros sempre trouxeram mais sofrimento e danos à saúde mental das/os atendidas/os. Assim, não se pode curar aquela/e que não está doente.

O que podemos fazer é buscar compreender que os sofrimentos vivenciados por essas pessoas são relativos ao preconceito e discriminação que vivem em sua família, escola, instituições públicas e comunidade em geral. Portanto, o trabalho da/o psicóloga/o é permitir à pessoa conhecer a realidade de sua orientação sexual, contribuindo para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, bem como possibilitando o enfrentamento de preconceitos e discriminações.

